

O FESTIVAL INTERNACIONAL DO FOLCLORE EM NOVA PETRÓPOLIS: MEMÓRIA E TRADIÇÃO COMO ATRATIVO TURÍSTICO

**Luciane Roseli Schommer¹
Liliane Stanisçuaski Guterres²**

Resumo: Este artigo se propõe a refletir sobre a relação que se estabelece entre evento, memória social e tradição a partir do Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis, cidade localizada na região turística da Serra Gaúcha. Busca-se compreender de que forma este evento turístico contribui na construção das novas memórias nesta localidade. Utiliza-se o método de pesquisa bibliográfica de referencial teórico discutindo a contextualização do município, o Festival do Folclore e os conceitos de memória social e coletiva e tradição.

Palavras-Chave: Evento Turístico, Memória Social, Tradição, Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis.

Introdução - Contextualizando Nova Petrópolis

Nova Petrópolis, estabelecida em 1858 como continuação da Colônia de São Leopoldo, foi o ponto mais alto atingido pela imigração alemã no Rio Grande do Sul, com uma altitude de 600 metros. PICCOLO (1989) registra que a primeira leva de imigrantes constou de 80 pessoas, todas estrangeiras, sendo 33 homens, 30 mulheres e 17 crianças. Em sua maioria eram lavradores, originários da Pomerânia, província da Prússia de religião protestante. O povoamento da nova colônia seguiu com três significativas levas de imigrantes em 1860, 1872 e 1880, de origens distintas da Europa – Boêmia, Holanda, Hamburgo e Dinamarca, Polônia, Rússia³. Estes grupos mais expressivos de imigrantes que povoaram Nova Petrópolis, lentamente se integraram e as

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: lucianeschommer@gmail.com

² Doutora. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: lsguterr@ucs.br

³ Entre as causas políticas, na Europa, que motivaram a emigração alemã, com início em 1824, destacam-se as guerras napoleônicas, a explosão demográfica e o processo de industrialização. O período de 1816 e 1817, foi marcado por uma depressão econômica aguda e com escassez de alimentos que culmina na grande fome da Europa Central. Neste contexto, não faltava o interesse tanto de promover a saída quanto de recrutar imigrantes para o Brasil. Muitas foram as promessas divulgadas em folhetos de propaganda de emigração espalhados pela Europa. Segundo SCHMITZ (1998), as promessas ofereciam garantias de viagem gratuita até o Brasil; cidadania brasileira; terras gratuitas além de sementes e animais; pagamento de despesas de manutenção por um ano e meio e isenção de impostos durante 10 anos. O autor relata que a situação enfrentada pelos imigrantes foi o abandono à mata virgem, às feras, aos índios, sem estradas, sem comunicações, sem amparo policial e além de passarem por meses e anos de angústias indescritíveis. Este quadro de total frustração das promessas feitas se repetiram em São Paulo, Paraná e também em Nova Petrópolis.

diferentes características de costumes, tradições e dialeto mantiveram-se presentes nas comunidades. Nova Petrópolis se constituiu como uma Colônia Oficial criada pelo governo com objetivos imediatos no campo econômico. Schmitz (1998) descreve que o desejo do Império era de povoadores de índole mais sedentária que os gaúchos, desejava agricultores entregues ao cuidado do solo que defenderiam suas terras e propriedades contra o invasores espanhóis, visando a produção de gêneros agrícolas para o mercado interno e a ocupação de espaços vazios de população em áreas que não interessavam a pecuária, segundo relato de Paz (1998). Entre os imigrantes, Piccolo (1989) descreve uma diversidade de profissões que influenciava a organização da vida produtiva: eram lavradores mas também encontravam-se alfaiates, marceneiros, negociantes, tanoeiros, carpinteiros, sapateiros, curtidores, ourives, entre outras. Deppe (1988) comenta que o relativo atraso na urbanização do *Stadplatz* (sede do município) impediam a concentração destes profissionais, gerando a perda de tradições importantes como os ceramistas, lapidadores de cristais e entalhadores de madeira (vindos da Boêmia), escultores e pintores.

A compreensão do processo de evolução econômica da região, do seu povoamento até a emancipação em 1958, contribui para o entendimento da formação e do comportamento político, cultural e social desta comunidade. Alguns aspectos relevantes merecem destaque segundo Paz (1998): (a) Isolamento da região – causado pela ausência de estradas e impedindo o contato com comunidades já desenvolvidas, gerou uma significativa morosidade no processo de desenvolvimento econômico. (b) Infraestrutura – a necessidade da sobrevivência e o abandono por parte do governo motiva uma certa auto-suficiência das comunidades, as questões básicas de infraestrutura dependem da iniciativa dos imigrantes, que acabam por abrir algumas estradas para carretas. (c) Economia – apoiada na organização da pequena propriedade com cultura de subsistência e trabalho familiar, característica que se mantém até o presente. (d) Associativismo – criação de entidades que visavam a solução de problemas comuns da comunidade, prática utilizada em diversas atividades: culturais, econômicas, sociais, religiosas. (e) Vida cultural – a vida comunitária foi organizada num processo semelhante a reconstrução do mundo cultural dos moldes da pátria de origem, envolvendo a vida religiosa, a criação de um sistema escolar e as diversas formas de associativismo.

O espírito associativo é um traço presente nesta cultura germânica, segundo Telles apud Paz (1998), é uma “velha mania”, trazida da Alemanha, de formar “*Vereine*” (sociedades). O autor comenta que a capacidade de organização é fruto da necessidade de união, visando a defesa mútua e a ajuda coletiva nas dificuldades. O contexto da imigração e a realidade encontrada pelos germânicos gerou condições favoráveis para surgimentos de diferentes tipos de sociedades que podem ser classificadas em seis categorias: recreativas e religiosas, *die Gemeiden* (as comunidades); sociedades caritativas, *Deutscher Hilfsverein* (Sociedade Beneficente Alemã); de caráter econômico como *Volksvereine für die Deutschen Katholiken* (União Popular para os Católicos Alemães) e as *Caixas Rurais*; as profissionais, *Musterreiter-Club* (Clube dos Caixeiros Viajantes) e *Deutscher Evangelischer Lehrerverein* (Sociedade de Professores Evangélicos), as culturais, entre as quais as de fundo patriótico como o *Deutscher Kriegerverein* (Sociedade de Combatentes Alemães). PAZ (1998) cita que em 1924 existiam cerca de 230 sociedades espalhadas pelas colônias e cidades do Rio Grande do Sul, salientando que as igrejas, escolas e sociedades contribuíram para integrar, reunir e assim reconstruir o mundo cultural dos teuto-brasileiros⁴.

O município tem incentivado e servido de modelo para várias iniciativas similares na área do associativismo e cooperativismo. Nova Petrópolis recebeu o título de *Capital Nacional do Cooperativismo* após a lei nº 12.205 ser sancionada pelo Presidente Luiz Inácio da Silva, em 19 de janeiro de 2009. É expressivo o trabalho associativo que se expressa nas cooperativas atuantes e fundadas em Nova Petrópolis. São sete as Cooperativas: Cooperativa Piá (agropecuária), Sicredi (crédito); Cooperhaus (habitação); Cooperarte (produção); Construcia (serviços); Cobomsul (serviços) e Coebompa (educação) além de três cooperativas instaladas no município que são Unimed (saúde), Coopsul (serviços) e Coeducars (educação)⁵.

⁴ Entre as iniciativas de caráter associativo, merece destaque a fundação da primeira cooperativa de crédito da América Latina em 28 de dezembro de 1902 na comunidade de Linha Imperial¹ - Nova Petrópolis, com a primeira denominação de *Caixa de Economia e Empréstimos “Amstad” de Nova Petrópolis*. Esta cooperativa denominada atualmente como SICREDI PIONEIRA funciona ininterruptamente há 109 anos, abrange dezoito municípios na região, conta com 67 mil associados entre os quais seis mil e duzentos do município de Nova Petrópolis, segundo dados do Perfil Sócio Econômico de Nova Petrópolis 2011. A fundação desta cooperativa deve-se ao Padre Theodor Amstad, jesuíta suíço e vigário da Paróquia de Nova Petrópolis, o grande incentivador que trouxe o modelo de organização do Sistema Reiffeisen para o Brasil.

⁵ Dados coletados no Perfil Socioeconômico (2011).

Um olhar sobre a Nova Petrópolis de 2011

O município de Nova Petrópolis⁶, com 57 anos de emancipação e 154 de povoamento, está localizada na Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, distante 80 km da capital Porto Alegre. Localiza-se na Região Turística da Serra Gaúcha e segundo o Plano de Regionalização do Ministério do Turismo, integra a Microrregião das Hortênsias, juntamente com Gramado, Canela, São Francisco de Paula e Picada Café. No aspecto turístico, Nova Petrópolis vem se destacando no segmento do turismo étnico cultural pela expressiva manifestação germânica em seus atrativos e sua preocupação com a preservação cultural, que se manifesta nos eventos, nos roteiros turísticos, na gastronomia e artesanato local. A organização cultural do município é bastante significativa, segundo o Perfil Socioeconômico 2011 existem as seguintes organizações: seis Museus Históricos; sessenta e um corais; quatorze Bandinhas Típicas; nove Bandas de Rock; nove Grupos Instrumentais; oito Grupos de Danças Folclóricas Alemãs (adultos); dez Grupos de Danças Folclóricas Alemãs (infantis) e um Grupo de Dança Folclórica Alemã da Melhor Idade; seguem-se um Grupo de Danças Gauchescas; dois Grupos de Artes Marciais; três Grupos de Danças Contemporâneas; dois Grupos de Teatros; uma Banda Municipal; uma Orquestra de Sopros; uma Biblioteca Pública Municipal; outra Biblioteca Comunitária e, um Arquivo Histórico na cidade.

O Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis

Nova Petrópolis apresenta um expressivo legado cultural germânico demarcado nos aspectos gastronômicos, artesanato, língua, danças, que se projetam com significativa ênfase nos seus produtos e atrativos turísticos. Este ano, entre os dias 27 de julho e 12 de agosto de 2012,

⁶ Nova Petrópolis está a uma altitude média de 604 metros. A população atual aponta para 19.045 habitantes, dos quais 14.134 vivem na área urbana e 4.911 na área rural. A faixa etária da população com maior concentração está entre 20 e 34 anos com uma média de 8,5% do total de habitantes. A expectativa de vida em Nova Petrópolis é de 75,81 anos e a taxa de analfabetismo é de 2,02%. O índice de desenvolvimento humano, IDH, de Nova Petrópolis é de 0,847, alcançado a 8ª posição do ranking do Rio Grande do Sul e 41ª no Brasil. Segundo os dados do Perfil Socioeconômico 2011, o PIB – Produto Interno Bruto- de Nova Petrópolis em 2009 (FEE/RS) foi de 343.136 milhões e o PIB per capita é de R\$ 18.417 mil. As atividades econômicas cadastradas, somam o total de 4.753 empresas que se dividem da seguinte maneira: 10,62% comercial; 5,58% indústrias; 13,70% prestação de serviços; 48,39% produtores rurais e 21,71% de autônomos. No setor industrial, os principais produtos do município são laticínios, malhas, calçados e móveis, no setor primário os produtos agrícolas são hortifrutigranjeiros, milho, batata, feijão e silvicultura e na pecuária o destaque fica para avicultura, gado leiteiro e suinocultura. Dados coletados no Perfil Socioeconômico (2011).

ocorrerá a quadragésima edição do *Festival Internacional do Folclore*. É um evento que vem ocorrendo anualmente de forma ininterrupta desde 1973 na cidade de Nova Petrópolis/RS e é realizado por uma parceria entre a Prefeitura Municipal, a Associação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Nova Petrópolis – AGDFANP- com o apoio da Organização Internacional de Folclore e Artes Populares – IOV. Este Festival objetiva valorizar as tradições e os costumes herdados dos antepassados, numa mescla das mais variadas manifestações artísticas. Trata-se de um intercâmbio artístico-cultural entre grupos folclóricos, conforme publicação do site do Festival Internacional do Folclore (2012).

Michaelsen (2002), ao tratar sobre a história do Festival do Folclore relata os diferentes locais de realização do evento ao longo da sua trajetória. A primeira edição do Festival ocorreu na Praça da República nos dias 7 e 8 de julho de 1973; mas em 1985 o Festival passou a ser realizado no Parque Aldeia do Imigrante. Em 1999 ocorreu no Centro de Eventos e 2002 retornou para o Parque Aldeia do Imigrante. A estrutura do evento também modificou-se, segundo Michaelsen(2002), novos grupos surgiram e a festa que inicialmente acontecia em um final de semana, passou a se estender (2002) por 15 dias. Para a autora, a preocupação em cultivar tradições germânicas, a alegria das danças folclóricas, o sabor dos pratos típicos, do chopp, as canções dos corais e o som de bandinhas foi o que não mudou ao longos destes 30 anos de Festival de Folclore.

Nesta trajetória de 40 anos do evento, houve marcos de mudanças para além dos locais de realização do Festival. São perceptíveis mudanças na trajetória do evento relacionados à gestão, datas do evento, atratividades e programações culturais, envolvimento com escolas e empresas da comunidade. Uma importante modificação ocorreu na 37 edição (2009) quando passou a adotar a denominação de *Internacional*. Ao tornar-se internacional, o evento buscou a ampliação da diversidade cultural em todos os segmentos, salientando para a comunidade a importância e a influência do folclore na vida de todos, segundo publicado no site da prefeitura de Nova Petrópolis (2012). São oferecidas atividades durante as semanas, que se intercalam com programação em palco público junto a Rua Coberta da Praça das Flores, nas escolas, nas empresas e nas comunidades do interior. Basicamente o evento reúne grupos de danças, exposição de artesanato,

espaço interativo com brinquedos folclóricos, livros, artigos, subsídios teóricos sobre o folclore, vídeos didáticos e institucionais, desfiles, participação de bandinhas típicas, coros e grupos teatrais e a realização de noites culturais nas comunidades interioranas, sendo o acesso livre a todo e qualquer público.

Segundo divulgado no site do evento, a 39ª edição do Festival Internacional de Folclore (2011) atraiu 46 mil visitantes para Nova Petrópolis. A programação do evento contou com mais de 70 grupos o que totalizou cerca de 1600 dançarinos e músicos. Destes destacam-se as 47 apresentações de danças alemãs, dos grupos adultos, infantis e da melhor idade do município de Nova Petrópolis e 15 apresentações gauchescas do grupo local CGT⁷ Pousada de Serra. Entre as atrações e atividades destacam-se: *O Desfile de Integração do Festival Internacional de Folclore*, quando os Grupos de Dança Folclóricas de Nova Petrópolis, os Grupos Visitantes, as Bandas Típicas apresentam-se na principal avenida da cidade como um momento de integração e valorização da diversidade cultural e os *Jogos Germânicos*, que são atividades lúdicas como corrida de tamancos, pregar pregos, chopp em metro, bolão de corda e arremesso de chopp, ações que tem por objetivo unir cultura, tradição, alegria e confraternização. A *Feira do Artesanato* conta com cerca de 30 estandes, localizados junto a Praça das Flores, com participação de grupos da Indonésia, Peru, Equador, Bolívia, África, Bahia e diversas cidades do Rio Grande do Sul. No Festival também é oferecido um *Espaço da Gastronomia*, com lanches típicos germânicos como *Kartoffelpuffer* (bolinho de batata), *Königskuchen* (cuca de requeijão), *Strudel* de Maça, *Bratwurst* (pão com salsicha bock e mostarda) e o “tradicional” chopp claro e escuro. As *Noites Culturais*, tem por objetivo aproximar a população local da riqueza cultural presente em Nova Petrópolis, quando são realizadas apresentações dos grupos convidados e dos grupos locais nas comunidades do interior. O *Baile da Integração* é um momento de integração dos visitantes e comunidade, pois os bailes são parte da tradição germânica, e o *Baile de Grupos Folclóricos Infantis* torna-se o momento de

⁷ Os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) são sociedades civis sem fins lucrativos, que buscam divulgar as tradições e o folclore da cultura gaucha tal como foi codificada e registrada por folcloristas reconhecidos pelo movimento. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_de_Tradi%C3%A7%C3%B5es_Ga%C3%BAchas acessado em 25 maio 2012.

confraternização com danças e jogos germânicos para os integrantes dos grupos folclóricos infantis.

Reflexões sobre a memória, tradição e folclore

Construir um conceito capaz de descrever o significado e a abrangência da memória tem motivado diversas pesquisas e reflexões acadêmicas que, apesar das diferentes abordagens, convergem pela concepção de que a memória é um processo e, portanto, está em constante construção e transformação. A memória, tratada sob diversos olhares como o da sociologia, psicologia, filosofia, antropologia, história, neurologia entre outros, não pertence a um único campo do saber, por esta razão torna-se uma área de conhecimento transdisciplinar, polissêmico e transversal. Autores como Gondar (2005) e Sá (2005) partilham da visão da memória como processo em construção e nortearam a construção deste artigo. Gondar (2005) compreende que o conceito de memória social não pode ser formulado em moldes clássicos, sob uma forma simples, imóvel, unívoca. Afirma tratar-se de um conceito complexo, inacabado, em permanente processo de construção. Sá (2005), complementa que a memória humana não é uma reprodução das experiências passadas e sim uma construção, que se faz a partir de diferentes visões. É um processo entre esquecimento e lembranças. Para Halbwachs (1990) a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e com reconstruções feitas em épocas anteriores.

As lembranças e recordações, portanto, se constroem socialmente, implicando uma relação de disputa, de poder, sobre o que lembrar e o que esquecer. A discussão a cerca da memória é um processo emergente de um passado muito próximo, especialmente nas sociedades ocidentais. Este movimento surge aproximadamente na década de 60, através do resgate de memória do Holocausto. Um espaço nunca ocupado com tamanha avidez, que remete para uma reflexão entre tempo e espaço, passado e futuro. Huyssen (2000) conceitua este fenômeno como a globalização da memória. Apresenta-se como um paradoxo da globalização, de um lado serve como uma explicação para humanidade - evidenciando a inabilidade do povo ocidental de viver em paz e aceitar as diferenças e alteridades -, bem como para evidenciar a falência do projeto iluminista. Por outro lado, a dimensão totalizante deste período, permite a compreensão de

situações locais específicas, remetendo inclusive para remexer em memórias de outros genocídios que ocorreram mas que não está resgatado ou registrado como uma memória coletiva. Este movimento segue em forma de onda, ampliando sua abrangência, passando da preservação para tornar-se uma tendência de moda. Na década de 70, pode-se observar a restauração dos velhos centros urbanos, empreendimentos patrimoniais e a onda de uma nova arquitetura de museus, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Este período é chamado por Huysen (2000) como “boom da moda retrô e dos utensílios retrô”, quando há a comercialização em massa desta nostalgia, gerando a indústria da memória. A obsessiva automusealização se estendeu também para as artes visuais, televisão e literatura. Este cenário de crescimento em torno desta cultura da memória, gerou uma comercialização crescente e bem sucedida da memória pela indústria cultural. Para este autor não há dúvida que o mundo está sendo musealizado e, complementa, ponderando, que todos nós representamos os nossos papéis neste processo.

A memória enquanto fenômeno processual desencadeia quatro proposições segundo Gondar (2005): a memória social é transdisciplinar; o conceito é ético e político (a memória é produzida, é feita pela escolha de uma classe ou de um grupo e possui intencionalidade direta ou indireta de evidenciar alguns fatos e relativizar outros); sua construção é processual e a memória não se reduz a representação (não se limita apenas a arquivos representativos de um povo, de acontecimentos, de uma cultura mas sim propõe percebê-la como parte integrante da esfera social que é viva, pulsante e em constante mudança. Diante de tudo que esta memória abrange, a representação dela é apenas um fragmento, é tão ampla a conceituação da memória que não podemos, segundo Gondar, deixar de lembrar que dela fazem parte a invenção e a criação do novo, pois o seu conceito é rico justamente por abarcar a mudança e a vivacidade. Maurice Halbwachs, no período entre 1941 e 1944, antes de sua deportação e morte no campo de concentração de Buchenwald em 1945 escreveu que

Memória Coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade e sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados com dados e feitos, independentes destes terem sido sentidos e experimentados por alguém. (Silva apud Halbwachs 2009, p. 4)

Para Halbwachs, há tantas memórias quantos grupos existem, pois toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. Sob esta perspectiva, o ser humano ao constituir novos grupos ao longo da vida, criando novos amigos, constituindo família, renova os grupos do qual participa. Para o autor, mesmo naqueles grupos já estabelecidos, como a família, ocorre processos de mudança com os nascimentos, mortes, casamentos e desta forma a construção e transformação constante ao longo da vida.

É nesta relação entre lembranças e esquecimentos que ocorre a construção da memória em grupo. Halbwachs (1990) diz que cada grupo tem uma história, pois o grupo no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. Ele entende a memória como “quadros sociais da memória”, ou seja, a memória individual existe, mas situa-se na encruzilhada das malhas de relações múltiplas nas quais o homem está engajado, não escapando da trama da existência social atual. Halbwachs apud Vecchia (2011) acreditava na anterioridade e na determinação de idéias sustentadas coletivamente sobre pensamentos e atitudes individuais. Para ele, se lembramos é porque os outros, a situação presente nos provoca e traz as lembranças. Na maior parte do tempo lembrar não é rever, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje a experiência do passado, porque nossa percepção se altera conforme o passar do tempo e com ela nossas idéias, juízos de realidade e de valor. Halbwachs (1990) se refere ao tempo lembrado, não como a permanência do passado, mas como viver o presente a partir dos valores resignificados.

Vecchia (2011) traz uma reflexão pertinente indicando que a memória social ou coletiva não se confunde com a memória histórica, pois a história resulta de uma construção cristalizada por um grupo estabelecido para defender-se contra a permanente erosão da mudança. Se em princípio a memória parece ser um fenômeno individual, convém ressaltar mais uma vez que nossas lembranças são coletivas. As pessoas não precisam estar presentes, mesmo o indivíduo sozinho, em pensamento, se desloca de um grupo para outro amarrando a memória da pessoa à memória do grupo e a do grupo à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

Ainda assim o conceito de memória coletiva ou social tem sido tratado pelas diversas abordagens teóricas no campo das ciências sociais de forma contraditória, segundo Santos apud Vecchia (2011). Talvez um dos fatores para a falta de precisão teórica se deva ao fato da memória estar em cada passo realizado, nas idéias pensadas, nas ações realizadas, ela está presente em tudo e em todos. Na condição de seres humanos todos temos cota de interesse na troca de conhecimentos entre as ciências para dar conta de compreender a pós- modernidade das sociedades complexas nas quais estamos imersos, reflete Morin apud Vecchia (2011).

A relação estabelecida entre memória, lembrança e identidade nos remete a questionamentos: por que lembramos de algumas coisas e esquecemos de outras? A construção das memórias são resultado de processos externos ao sujeito? A quem interessa a construção de uma identidade coletiva, de grupo ou comunidade? Qual a é identidade a ser construída? Segundo Leite (2011), a memória inscreve as lembranças contra o esquecimento e cria sentimentos de pertencimento e identidade para que as futuras gerações tomem conhecimento dos acontecimentos e tenham uma definição do que os diferencia dos outros grupos. A memória é um fenômeno construído, que pode ser tanto consciente quanto inconsciente. O trabalho de organização desta memória, segundo POLLAK (1992), é quando ocorre o processo na memória individual de gravar, recalcar, excluir, relembrar. A memória é um fenômeno construído social e individualmente, porém quando falamos de uma memória herdada, podemos dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e sentimento de identidade. A memória é seletiva, nem tudo fica gravado, fazemos escolhas, quando lembramos de algumas coisas, esquecemos outras. Lembrar é, assim, “um trabalho” de reordenações de experiências vividas no tempo.

Por que esta obsessão pela memória e pelo passado e por que este medo do esquecimento? Por que estamos construindo museus como se não houvesse o amanhã? Estamos vivendo um tempo de comercialização da memória, capitaneada especialmente pela mídia e os meios de difusão da informação. Segundo Huyssen (2000), quando mais nos pedem para lembrar e para não cair no esquecimento, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer. Assim um dos aspectos levados em consideração no estudo da memória

é o esquecimento, pois de acordo com Izquierdo appud Vecchia (2011), o ser humano esquece a maioria das informações que adquire.

Não podemos discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias, a mídia como veículo para difundir as várias formas de memórias. Vale sempre lembrar o instigante questionamento: quais as razões que motivaram esta retomada das memórias, a exemplo do Holocausto, somente em pleno Século XX? Este cenário nos aponta para refletir sobre a mercantilização desta memória, que passa a ser usada na sua espetacularização como em filmes, museus, sites, livros, história em quadrinhos, músicas e, o que especialmente interessa, nos atrativos turísticos. O passado está vendendo mais que o futuro, basta analisar a tendência da onda retrô nos mobiliários, modelagem das roupas que se inspiram em décadas passadas, a decoração como réplicas de peças antigas.

A compreensão de que a memória é um fenômeno processual, em construção, não significa excluir as representações coletivas, mas efetivamente incluir a invenção é a produção do novo. Segundo Leite (2011), não haveria memória sem criação, seu caráter repetidor seria indissociável de sua atividade criativa, perderíamos a riqueza do conceito.

Os grupos folclóricos em Nova Petrópolis

A organização cultural de Nova Petrópolis, conforme já relatado anteriormente, é expressiva, especialmente em relação aos grupos de danças folclóricas alemãs e a sua forma de organização. Somam-se no município oito Grupos de Danças Folclóricas Alemãs (adultos); dez Grupos de Danças Folclóricas Alemãs (infantis) e um Grupo de Dança Folclórica Alemã da Melhor Idade.

No município existe uma entidade que congrega os diversos grupos de danças alemãs, a *Associação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Nova Petrópolis – AGDFANP* – é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que visa promover a educação e desenvolver a cultura em especial na organização dos grupos de danças. A entidade foi criada em 1989 e registrada somente em 1994. Segundo Michaelsen (2002), entre as finalidades da AGDFANP estão: organização dos grupos de danças, representação junto aos órgãos públicos e privados; manter e fomentar a cultura e costumes dos povos germânicos; criar conjuntos musicais, grupos teatrais, corais e afins.

Na estrutura desta Associação, a diretoria realiza trabalho voluntário no qual os coordenadores procuram preservar a cultura dos antepassados e transmiti-la às novas gerações. Segundo a Presidente da AGDFANP Karine Reimann, em 2012 integram a Associação sete grupos de danças folclóricas de diferentes localidades do município nas categorias de infantil e adulto. A organização dos Grupos de Danças parte, na sua maioria, das comunidades sociais já organizadas, neste caso, as Sociedades Culturais nas localidades de Nova Petrópolis.

Os grupos que integram a AGDFANP são: (1) *Grupo de Danças Folclóricas Internacional* – representam o centro da cidade, através da Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo. Foi fundado em 1970, é um dos primeiro grupos de danças e, assume como tarefa rebelar-se contra os preconceitos culturais através da diversidade de danças e trajes. (2) *Grupo dos Casados da SCRTA* – reúne os sócios casados da Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo, foi fundado em 1993 e tem por objetivo manter viva as tradições advindas dos imigrantes alemães, representando diversas regiões da Alemanha e países vizinhos. (3) *Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Böhmerland* (terra da Boêmia) – representam a localidade da Linha Imperial, fundado em 1987. O nome é uma homenagem a significativa presença de imigrantes boêmios no seu povoamento. (4) *Grupo de Danças Folclóricas Sonneschein de Linha Brasil*, o grupo foi fundado em 1990, tem por objetivo manter viva a tradição e ajudar a escrever a própria história. (5) *Grupo de Danças Folclóricas Círculo da Amizade (Volkstanzgruppe Freundschaftskreis* – da localidade da Vila Olinda, foi fundado em 1992 e tem por objetivo resgatar a herança cultural.(6) *Grupo de Dança Volkstanzgruppe Edelstein da Fazenda Pirajá*, iniciou suas atividades em 1994, o traje do grupo representa a região de Hunsrück, região da maior leva de imigrantes que povou esta localidade da Fazenda Pirajá. (7) *Grupo de Danças Hochland Volkstanzgruppe (Berghthal)* representam a localidade de São José do Caí e foi fundado em 1995.

É possível verificar uma relação entre o Festival de Folclore de Nova Petrópolis e os diversos grupos de danças folclóricas organizados no município. Segundo o historiador local Renato Urbano Seibt, em depoimento a Alexandra Utzig e Sabrina Munõz envolvidas no resgate da História do Festival do Folclore, relembra o início do Festival e dos Grupos Folclóricos, que se

localizava na Praça das Flores, localizada na principal avenida da cidade que liga região metropolitana a Gramado (RS 235).

Começou com as bandinhas que tocavam. Aí quando passava o pessoal que ia pra Gramado ou vinha de Gramado/Canela, paravam e ficavam muito faceiros com as bandinhas e com o chope. Então, aos poucos começou a se pensar que podia também fazer alguma apresentação. Começaram a fazer o tablado de dança, as casinhas (venda de produtos coloniais e malhas) (.....) Então os grupos folclóricos começaram a surgir: Linha Brasil, Pinhal Alto, aqui na sede também tinha um e começaram a se apresentar. (depoimento Renato Urbano Seibt – site Festival Folclore 2012)

O historiador Seibt relembra também que a participação dos grupos folclóricos de outros lugares agradava muito aos visitantes, este grande interesse despertou a idéia de organizar em Nova Petrópolis um Festival de Folclore. Sobre os primeiros Grupos de Danças e os primeiros ensaios, a Senhora Irmgard Schuch, lembra sobre os primeiro ensaios do Grupo de Danças Folclóricas Internacional em 1973.

(...) só que aí tivemos que remontar tudo, porque eu não tinha nada de danças folclóricas. Aí um aluno, dos jovens, tinha uma fita, outro tinha outra fita, não sei como é que eles gravaram, e aí a gente procurou remontar as danças. Um se lembrava de um passo e o outro dizia “não é bem assim”! Daí eu fui aprendendo com eles, inclusive eu tomava nota dos passos. Claro, eu não tinha uma coreografia correta, não sou professora de educação física nem coisa nenhuma. Eu escrevia a minha moda, tal passo assim (...) a gente foi remontando e daí o grupo renasceu (depoimento Sr. Irmarg Schuch – site Festival Internacional do Folclore)

Para Adélia Hillebrandt, professora aposentada, fundadora do *Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Böhmerland*, da localidade de Linha Imperial, relata como foi criado o grupo de danças na comunidade. Lembra que era a única mulher que integrava a diretoria da Sociedade Concórdia da Linha Imperial e participava do Departamento de Atividades Sociais:

O Senhor Benno Heumann, representando a Prefeitura, veio participar de uma reunião da Diretoria e propôs a criação do Grupo de Danças da Sociedade da Linha Imperial. Aí, a diretoria me questionou sobre a idéia e eu aceitei organizar o grupo.(...) Lembro que começamos em 1978, fomos o terceiro grupo do município, os jovens eram uns pernas de pau, pensei que nunca iríamos nos apresentar, levamos um ano de ensaio até a primeira apresentação. (depoimento Sra. Adélia Hillebrandt – site Festival Internacional do Folclore)

Adélia foi Coordenadora deste grupo por 17 anos e presidiu a Associação dos Grupos de Danças de Nova Petrópolis durante dois anos. Ela comenta que o Festival do Folclore era muito esperado pelos grupos de danças e a maior expectativa era da percepção dos expectadores com as danças, pois não existia classificação para as danças apresentadas neste evento.

Considerações Finais

O Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis constrói-se como atrativo turístico a partir do projeto de preservação da memória local de ascendência germânica, enaltecendo as manifestações folclóricas em especial. Se por um lado este projeto está calcado sobre a memória coletiva desta comunidade, sobre as experiências vividas e reconstruídas como atrativo turístico, é bem verdade que é o próprio Festival que constrói e resignifica a memória coletiva e social do grupo, nas falas dos organizadores e participantes do evento, aparece claramente que é após a criação do Festival que os grupos folclóricos se formam e buscam reconstruir sua memória coletiva e social. Este projeto está ligado a mercantilização desta memória, que passa a ser construída e utilizada espetacularmente a partir deste evento. Para tal, apresenta-se a memória social desta comunidade, oficialmente selecionada, fruto de disputas e conflitos, sobre o que e como lembrar. Para pensar a cidade de Nova Petrópolis e o processo de construção do Festival Internacional do Folclore, interessa perceber as tradições reinventados pelos sujeitos envolvidos neste evento, entendendo que há um jogo entre memória social, oficial e memória coletiva, conceito ligado às instâncias do vivido, às intencionalidades dos sujeitos-atores neste processo memorável, seus valores, práticas e representações sobre esta construção do que lembrar. Sem deixar de buscar a memória social do evento e da cidade, no sentido de capturar as lembranças “oficiais” e legitimadas pelo grupo mais amplo, interessa compreender o Festival Internacional de Folclore a partir da memória coletiva “viva, pulsante e em constante mudança” – como nos alerta Gondar (2005, p. 24) – daqueles que participaram e participam do evento.

Referências

ACINP - Associação Comercial e Industrial de Nova Petrópolis (2011). *Perfil Socioeconômico de Nova Petrópolis 2011*. Nova Petrópolis: Padre Amstad.

DEPPE, Gessy (coord.). (1988). *Contribuição para a história de Nova Petrópolis-depoimentos*. Caxias do Sul: EDUCS.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

FESTIVAL de Folclore (2011). *Dados sobre o festival, 2011*. Disponível em:
<http://www.festivaldefolclore.com.br/pagina.php?cont=noticiasDet.php&id=9996&sel=8>

Acessado 08/03/2012.

HALBWACHS, Maurice. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

HUYSSSEN, Andreas. (2000). *Monumentos, mídia*. Tradução de Sergio Alcides. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano.

LE GOFF, Jaques. (1994). *História e Memória*. Campinas: Unicamp.

LEITE, Edson. (2011). *Turismo Cultural e Patrimônio Imaterial no Brasil*. São Paulo: Intercom.

MICHAELSEN, Yedda Leão(org) (2002). *Festival do Folclore de Nova Petrópolis -30 Anos de História*. Nova Petrópolis: AGDFA NP.

PAZ, Nör Ivoni. (1998). *Nova Petrópolis: da submissão à rebeldia (1858-1937)*. Caxias do Sul: EDUCS.

PICOLLO, Helga Iracema Landgraf. (1989) *Contribuição para a história de Nova Petrópolis: colonização e evolução da colônia*. Caxias do Sul: EDUCS.

POLLAK, Michael. (1992). "Memória e Identidade Social". In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p.200-212. http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acessado 09/02/2012.

SÁ, Celso Pereira. (2005). *Memória, Imaginário e Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República.

SCHMITZ, Arsênio José, Pe. [s.d.]. *Uma nova imagem para Nova Petrópolis: estudo sobre a imigração e a aculturação*.

SILVA Claudinei Fernandes Paulino. (2009). "A Teoria da Memória Coletiva de Maurice Halbwachs em Diálogo com Dostoiévski : Uma Análise Sociológica Religiosa a partir da Literatura". In: *Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas*. Campinas: 6ª Edição, v.5 - nº2.

VECCHIA, Maria José Souza Gerlack. (2012) "A importância do conceito de memória coletiva ou social na visão das ciências sociais". *Revista Tavola Online*, julho 04, 2011. <http://nucleotavola.com.br/revista/wp-content/uploads/kalins-pdf/singles/a-importancia-do-conceito-de-memoria-coletiva-ou-social-na-visao-das-ciencias-sociais.pdf>. Acessado 09/02/2012.